
**PESQUISA EM PSICANÁLISE SOBRE FENÔMENOS SOCIOCULTURAIS:
considerações metodológicas a partir da psicologia das massas freudiana**

**PSYCHOANALYTICAL RESEARCH ON SOCIOCULTURAL PHENOMENA:
methodological remarks from the Freudian mass psychology's perspective.**

Mateus Abreu Pereira¹

RESUMO: Originalmente concebida no espaço clínico, a psicanálise não tardou a ser usada também para investigar a sociedade e a cultura, o que trouxe novos desafios e impasses metodológicos. É nesse contexto que o presente trabalho visa compreender, de maneira introdutória, alguns dos aspectos metodológicos concernentes a uma pesquisa psicanalítica de fenômenos socioculturais, privilegiando o referencial teórico da psicanálise freudiana e seu entendimento sobre psicologia das massas. Mediante uma articulação de discussões sobre pesquisa teórica em psicanálise, pesquisa psicanalítica de fenômenos socioculturais e psicologia das massas freudiana, o presente estudo advoga uma indissociabilidade entre epistemologia e metodologia psicanalíticas, o que permite entender a dupla função de conceitos como os de transferência, elaboração e identificação para o ofício do pesquisador em psicanálise. Em termos conclusivos, o estudo argumenta que a psicologia das massas freudiana é um importante referencial teórico e metodológico para pesquisas correntes e vindouras, por apontar uma relação de continuidade e tensão entre o individual e o social, construindo um espectro onde o pesquisador não pode se eximir da relação direta e implicada com seu objeto de pesquisa, dando voz e vez a ele.

Palavras-chave: pesquisa em psicanálise; pesquisa teórica em psicanálise; psicologia das massas.

ABSTRACT: Originally conceived as a clinical technique, psychoanalysis was soon applied to social and cultural research, which brought new challenges and methodological dilemmas. Thus, the present work aims to understand, within the limits of an article, some of the methodological aspects concerning a psychoanalytic research of sociocultural phenomena, privileging the theoretical reference of Freudian psychoanalysis and its particular comprehension of mass psychology. Through the articulation of discussions on theoretical research in psychoanalysis, psychoanalytic research on sociocultural phenomena and the Freudian mass psychology, this study advocates an inseparability between psychoanalytic epistemology and methodology, which allows the comprehension of the dual function of concepts such as transference, elaboration and identification for the responsibilities of the researcher in psychoanalysis. In conclusive terms, the study claims that Freudian mass psychology is an important theoretical and methodological reference for current and future research, since it points to a continuity and tension-fueled relation between the individual and the social, building a spectrum where the researcher cannot decline the direct and implied relationship with its research object.

Keywords: Psychoanalytical research; Theoretical research in psychoanalysis; mass psychology.

¹ Psicólogo, Mestrando em Psicologia junto ao PPGP/UFPA, mateuspereira21@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Às vésperas de seus cento e vinte anos de fundação, é possível dizer que a psicanálise comporta uma miríade de saberes que versam sobre o inconsciente e fazem dele seu objeto. Cada “escola” de pensamento de matriz psicanalítica promove, à sua maneira, um tipo de interlocução com as proposições pioneiras de Freud, rompendo ou continuando suas premissas clínicas, metodológicas e epistemológicas. Para todas essas tradições se impõe a necessidade de produção de conhecimentos novos, o que requer uma noção do que seria possível entender como “pesquisa” em psicanálise.

À primeira vista, o termo “pesquisa em psicanálise” nos oferece mais obstáculos de soluções. Sob o escrutínio da tradição cientificista à qual remete o termo “pesquisa”, a psicanálise não atenderia os critérios necessários para fornecer novos conhecimentos com alguma validade científica. Contudo, o saber inaugurado por Freud é mais marcado por rebeliões contra o paradigma cientificista do que por conformar-se a ele, o que nos permite imaginar que a produção de conhecimentos novos em psicanálise ocorra de maneira peculiar e divergente da “clássica”.

Nesse sentido, Mezan (1996) nos ajuda a vislumbrar algumas das premissas básicas de uma investigação de cunho psicanalítico: a atenção ao detalhe dissonante, à temporalidade própria do inconsciente, a articulação dos achados da clínica com o estudo da teoria. O analista, por exemplo, se utiliza da transferência, conceito no qual convergem a técnica e a epistemologia psicanalíticas. As ações do analista sempre têm de ser fundamentadas em conceitos presentes na teoria, mas a fala do analisando não pode ser forçosamente enclausurada em conceitos e noções puramente teóricas. Elide-se aí qualquer ilusão acerca de uma possível exterioridade total do analista em relação ao objeto da psicanálise, isto é, o inconsciente, porquanto o próprio terapeuta também é atravessado por este.

É interessante, no entanto, observar que a clínica é um espaço privilegiado para a construção de uma “pesquisa” em psicanálise, mas não o único. Ao longo de sua obra, Freud viria a se interessar sobre questões que extrapolam os limites da clínica, tais como arte, cultura, ciência, sociedade e acontecimentos do seu tempo. Se o pendor a validar apenas os relatos de casos clínicos como fruto de uma pesquisa em psicanálise fosse levado adiante, então poderíamos considerar tais interesses de Freud como elementos coadjuvantes em sua obra. Contudo, nosso ponto de partida aqui visa justamente o caminho oposto, qual seja, o de

refletir sobre a possibilidade de uma pesquisa psicanalítica que não se restrinja somente à atividade clínica. Ainda que de maneira introdutória, buscamos responder ao questionamento: como justificar, em termos metodológicos, uma pesquisa psicanalítica acerca de fenômenos socioculturais?

Mesmo adeptos da teoria freudiana podem sucumbir ao lugar comum da ideia de opor de maneira radical o individual e o social, o que, por derivação, conduziu à hipótese de que, em termos de funcionamento psicológico, caberia a uma psicologia das massas o estudo de tudo aquilo que não se encontraria na seara do indivíduo. É nesse contexto que a contribuição de Freud (1921/2011) no seminal ensaio “Psicologia das Massas e Análise do Eu” se revela deveras importante. Com efeito, trata-se de um livro que, em contraposição à tradição supracitada, propõe uma linha de continuidade entre os até então opostos registros da individualidade e do social. Por conseguinte, ao colocar em xeque qualquer oposição de caráter mais rigidamente binário entre indivíduo e sociedade, o trabalho de Freud (1921/2011) nos parece sugerir diretrizes metodológicas interessantes para a pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais.

É neste sentido que o presente trabalho visa compreender, de maneira introdutória, alguns dos aspectos metodológicos concernentes a uma pesquisa psicanalítica de fenômenos socioculturais, privilegiando o referencial teórico da psicanálise freudiana e seu entendimento sobre psicologia das massas. Para tanto, o trabalho está subdividido em três seções distintas. Na primeira delas, são discutidos alguns dos aspectos metodológicos relativos à noção de “pesquisa em psicanálise”. A segunda seção mobiliza o conteúdo da seção anterior para demonstrar como a pesquisa em psicanálise pode ser relacionada com a noção freudiana de psicologia das massas no estudo de fenômenos socioculturais. Por fim, alguns apontamentos conclusivos são feitos nas considerações finais.

2. PESQUISA EM PSICANÁLISE: BREVES COMENTÁRIOS SOBRE UM DEBATE INFINDO

Antes de adentrarmos na discussão acerca do estudo de fenômenos sociais e a psicologia das massas, é necessário elucidar alguns pontos acerca de como se pode compreender tal metodologia de pesquisa em psicanálise, bem como a especificidade da pesquisa teórica nesse contexto.

Ocorre que tal esclarecimento não pode arbitrariamente separar os aspectos metodológicos dos epistemológicos. Como aponta Mezan (1996): Os conceitos-chave de cada escola psicanalítica constituem sua “teoria de verdade”. Dito de maneira distinta, os conceitos fundamentais e seus objetos ditam o modo como se pode estudá-los, não o contrário. Isso fica claro se pensarmos nas diferentes tradições dentro da psicanálise: um analista de filiação teórica winnicotiana apostará no conceito de espaço transicional, por exemplo, o que suscita direções metodológicas diferentes de um outro cuja orientação teórica é lacaniana, adepto da tríade “Real-Imaginário-Simbólico”. O mesmo se dá em casos como os do presente estudo, de orientação freudiana. Em psicanálise, não há muito sentido em pensar um conjunto de coordenadas e procedimentos esvaziados de investimento afetivo e um certo saber sobre o objeto, no nosso caso, o inconsciente, que condiciona do início ao fim uma investigação psicanalítica. De maneira complementar, reiteramos que o presente estudo segue uma tradição freudiana, portanto não há aqui uma pretensão de exaurir o debate sobre metodologia de pesquisa em psicanálise nem de “advogar” tal vertente como superior às outras abordagens dentro da psicanálise e/ou psicologia.

Pois bem, um ponto de partida para o debate pode ser obtido no trabalho de Mezan (1996), para quem a pesquisa em psicanálise não pode ser apartada de suas origens clínicas. Embora a psicanálise tenha diversas interfaces e aportes possíveis, o primeiro espaço de investigação da psicanálise ainda reside no *setting* analítico. Contudo, tal situação não confere facilidades ao analista, pelo contrário: este tem de não só investigar de maneira analítica o que é dito por seu analisando, mas também o que dizem as obras e textos em que ele alicerçará suas interpretações e construções. Isto porque a produção de conhecimentos em psicanálise não é um perpétuo “começar do zero”, mas também um exercício de leitura e contato com o conhecimento prévio acumulado pelo saber psicanalítico. Tanto o material clínico quanto as obras da teoria precisam ser alvo de um estudo eminentemente analítico, que esteja atento ao que é dissonante, inaudito ou velado.

Nesses termos, a clínica não monopoliza as vias possíveis de pesquisa em psicanálise, uma vez que o estudo analítico das obras pode ser feito de maneira independente da atividade terapêutica. Por derivação, uma pesquisa em psicanálise pode ser feita na universidade, onde as obras e textos serão fontes para o estudo. Uma justificativa semelhante para o que pode ser entendido como pesquisa em psicanálise é fornecida Figueiredo e Minerbo (2006): “... um

conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento que podem manter com a psicanálise propriamente dita relações muito diferentes” (p. 258). Nesta modalidade, a própria psicanálise e seu arcabouço teórico seriam objeto de investigação, cujo condutor não precisa ser um psicanalista atuante, podendo ser oriundo da filosofia, sociologia, etc.

Contudo, não se pretende aqui fabricar uma dicotomia falsa entre pesquisa teórica e pesquisa realizada a partir da clínica, porquanto a relação entre as duas é de retroalimentação, não de oposição. Iribarry (2003) aponta que uma pesquisa teórica em psicanálise não se isenta dos atravessamentos da transferência: o pesquisador nutre relações afetivas com o conteúdo estudado, de maneira que nunca se escolhe um tema em psicanálise “por acaso”. Mais uma vez, vemos aí que também na pesquisa teórica em psicanálise as fronteiras entre sujeito e objeto são porosas, exigindo que o pesquisador se dispa da ilusão de neutralidade, compreendendo que também é um sujeito do inconsciente.

Podemos acrescentar, a partir do que aponta Jean Laplanche (1980), que também a pesquisa teórica em psicanálise precisa de um tempo para ser elaborada no inconsciente de quem pesquisa, levando em conta a temporalidade própria inerente a este. O autor lembra ainda que é importante travar contato com a obra sem privilegiar demais apenas um aspecto, sob pena de detalhes importantes passarem despercebidos. Tal atitude seria análoga ao que se denomina de atenção equiflutuante do analista, uma escuta que busca apreender sem privilegiar categorias previamente estabelecidas com o intuito de mitigar a influência de possíveis julgamentos morais.

Laplanche (1980) propõe, de maneira semelhante, a possibilidade do que ele chama de uma “psicanálise extramuros”, isto é, uma possibilidade de psicanálise que se faz implicar em questões sociais, culturais e éticas com fôlego suficiente para se a muito além dos limites do consultório onde tais questões seriam subjacentes ao discurso do analisando. É bem verdade que a psicanálise extramuros é tributária e ressonante com o que Freud concebia como “psicanálise aplicada” ou Lacan e sua “psicanálise em extensão”, isto é, uma psicanálise que devota sua escuta particular para vozes que ecoam em contextos mais amplos. Contudo, a psicanálise extramuros se aproxima dessas questões sem delimitar de maneira ferrenha uma suposta fronteira com o “intramuros”: a proposta de Laplanche pressupõe uma continuidade e transição que vai desde o estudo da teoria, passa pela clínica e se lança até o estudo da sociedade, munida das categorias heurísticas da psicanálise.

Em termos metodológicos, portanto, a pesquisa em psicanálise nos confere subsídios valiosos para pensar acerca de fenômenos socioculturais, permitindo uma análise que traz a lume tanto os componentes inconscientes da dimensão da subjetividade, quanto os fatores sociais e históricos referentes a uma objetividade social na qual a subjetividade se desenlaça, convocando o pesquisador a uma interrogação constante das relações entre a teoria psicanalítica e o contexto cultural na qual ela se insere (Rosa, 2004). Nesse sentido, passaremos a refletir acerca da possibilidade de coadunar tal proposta com o entendimento freudiano acerca da psicologia das massas.

3. ALGUNS INSIGHTS A PARTIR DA PSICOLOGIA DAS MASSAS FREUDIANA

Sem embargo, podemos apontar que o texto freudiano foi inovador e ainda é um inquietante e quase solitário esforço de teoria social a partir da psicanálise. É interessante entender como Freud (1921/2011) promove rupturas e continuidades em relação ao que era até então entendido como psicologia das massas, e como essa posição se tornou importante não só para a psicanálise, mas para outras disciplinas como a psicologia social. Para autores como Le Bon (1895/1995), a massa seria, ao fim e ao cabo, um corpo social dotado de uma psicologia particular capaz de promover uma contaminação de afetos entre os seus membros (Mello Neto, 2000). É neste contexto que vale destacar a inovadora posição adotada por Freud ao se dedicar à psicologia das massas. Embora tenha aproveitado alguns dos pontos levantados por seus predecessores no tema, Freud rompe significativamente com algumas noções basilares da psicologia das massas por eles realizada.

Vale ressaltar que a inquietação sobre a aplicabilidade dos conceitos psicanalíticos ao nível “das massas” se faz notar, ainda que lateralmente, já na “Introdução ao Narcisismo” (Freud, 1914/2010). No ano seguinte, Freud deixaria evidente a sua decepção com o pendor das aglomerações humanas à destrutividade e à barbárie no artigo “Considerações Atuais Sobre a Guerra e a Morte” (Freud, 1915/2010), escrito no sombrio período inicial da Primeira Grande Guerra.

Contudo, somente em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” Freud (1921/2011) elaboraria uma investigação mais sistematizada acerca da problemática das massas, cujo tom é de ruptura com a tradição da psicologia social de seu tempo. Neste sentido, vejamos como

Freud (1921/2011) deixa evidente, desde o início de “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, sua posição contrária a qualquer oposição fixista entre psicologia individual e psicologia social:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (Freud, 1921/2011, p. 14)

Assim, Freud introduz a importante noção de que toda psicologia é social em alguma medida. Por mais que se avenge a ideia de que exista um “universo” acessível apenas ao indivíduo (supondo que este acesso seja completo e satisfatório), este universo da interioridade é construído a partir de elementos captados mediante um processo que concilia a experiência com a realidade fora de si e a percepção, ainda que rudimentar, destas experiências no espaço dentro de si. A experiência do indivíduo na massa é, para Freud (1921/2011), divisível e passível de decomposição, mas também é relacionada a eventos e experiências primordiais dentro de uma estrutura familiar.

Nesse sentido, os sentimentos de irresponsabilidade, poder e impulsividade que o indivíduo experimenta na massa não são tributários de uma psicologia própria da alma coletiva, mas sim do arrefecimento das defesas e censuras psíquicas de cada um dos seus membros. Freud (1921/2011) também desmistifica o entendimento – até então, como vimos, bastante difundido - de que os indivíduos agem de maneira diferente na massa porque se sugestionam, imitam ou contagiam entre si. E isso, segundo ele, porque não haveria nas ideias de seus antecessores no estudo das massas fundamentos claros que sustentassem a própria natureza da sugestão, fazendo deste conceito um “véu”. Em vez disto, Freud (1921/2011) argumenta então que as massas se ligam por meio da libido - isto é, a expressão de pulsões ligadas àquilo que é abrangido pela ideia de “amor” em sentido lato: amor sexual, mas também amor parental, filial, fraternal, etc.

Com efeito, para o mesmo Freud (1921/2011) a relação entre os membros da massa faria mais sentido se descrita sob a forma da identificação, a qual, em linhas gerais, ocorreria

quando o eu é moldado partir de certo modelo. Nestes termos, partindo da identificação primordial que ocorre no complexo de Édipo, os processos identificatórios podem se dar, por exemplo, substituindo um investimento libidinal pela introjeção do objeto no Eu. Além destas duas situações, a identificação pode ocorrer quando se percebe elementos em comum, como ideias ou afetos, em uma pessoa que não é objeto das pulsões sexuais.

No que se refere à massa, Freud (1921/2011) observa o último tipo de identificação descrito acima, já que os indivíduos nutrem entre si um sentimento de irmandade motivado pela disposição afetiva comum a todos, que é a ligação com o líder. No entanto, Freud (1921/2011) chama nossa atenção para o fato de que este eu que se identifica com outros é um eu cindido em diferentes instâncias, uma sempre vigiando e policiando a outra. A influência do meio e os objetos introjetados acarretam na especialização desta instância, que Freud (1921/2011) denomina ideal do eu. E é este ideal do eu que está no cerne da influência e da admiração exercidas pelas autoridades desde o seio familiar, servindo ainda como modelo para o processo de identificação de cada um com a cultura.

De tudo isto, podemos, pois, concluir que uma massa simples se constitui quando vários indivíduos colocam um mesmo objeto (o líder) como seu ideal do eu e, por conseguinte, identificam-se entre si. Ao tributar à identificação o fundamento do laço social, Freud (1921/2011) desloca, portanto, a massa de sua posição tradicional de objeto de análise social, tornando-a um objeto da investigação psicanalítica subsidiado pela noção de libido e suas vicissitudes². Importante não derivarmos daí, contudo, que a massa se tornaria para o mesmo Freud (1921/2011) alguma espécie de síntese entre o individual e o coletivo. Mais lícito seria supor aí a culminância de uma dialética existente entre esses registros, levando adiante uma tensão socialmente mediada entre indivíduo e cultura.

Do ponto de vista metodológico, o entendimento freudiano sobre psicologia das massas nos parece fornecer contribuições interessantes. Uma pesquisa psicanalítica sobre sociedade pode, sem embargo, se beneficiar da recusa em separar de maneira arbitrária

²Enquanto autores como Goldenberg (2014) apostam que Freud (1921/2011) recorreu à psicologia das massas em particular para solidificar sua teoria acerca da identificação, outros teóricos como Jonsson (2013) veem um exagero neste tipo de aposta, asseverando que haveria, no mínimo, meia dúzia de motivações por detrás do interesse freudiano: desde o horror incitado pela Primeira Guerra até a possibilidade de refutar de uma vez por todas seus mestres Charcot e Bernheim, adeptos da sugestão, proclamando assim a soberania da psicanálise. Qualquer que tenha sido a motivação de Freud, algo que nos chama a atenção aqui é o potencial contestatório de proposições que, *prima facie*, não tinham intenção de crítica à ideologia então vigente. Um exemplo disto se encontra no fato de Freud não haver se inibido em tratar Igreja e Exército como massas, algo impensável, por exemplo, para Le Bon (1885/1995), que identificava a massa mais especificamente às multidões proletárias.

indivíduo e sociedade, bem como da possibilidade de conceber as relações sociais como espaço de dispersão de afetos e processos inconscientes. O “social”, desta feita, não seria apenas um dentre tantos outros aspectos subsumidos ao discurso de um analisando, mas agora o próprio alvo da investigação psicanalítica, porquanto objeto também atravessado por libido e conflito. Não se advoga aqui uma redução absoluta do social ao psíquico, mas justamente a continuidade entre esses registros. Nesse sentido, uma pesquisa psicanalítica que se devote ao estudo da sociedade tem de transitar, de maneira bilateral, entre o psíquico e o coletivo, reconhecendo o psiquismo enquanto espaço social também (Jonsson, 2013).

Para que visualizemos um exemplo concreto dessa proposta, podemos resgatar um trabalho em que nos dedicamos a estudar a literatura de autoajuda como fenômeno social e de massa, analisando-o sob o ponto de vista psicanalítico. No referido estudo (Pereira & Souza, 2018), propomos que a relação entre o autor e o leitor de autoajuda é pautada por processos psíquicos como os da identificação e da transferência, e isso é socialmente mediado por uma indústria da cultura. O autor de autoajuda se endereça aos leitores como um possível ideal do Eu, isto é, um modelo válido e premente para o Eu. O teor das obras deste gênero, nesse sentido, é geralmente marcado por apelos comovidos à emoção em detrimento de argumentos lógicos e fundamentados. Assim, o autor atua à maneira de um líder de massa, sendo um sucedâneo socialmente disponível para figuras familiares que marcam, inclusive no inconsciente, a vida dos indivíduos. Justapondo-se ao modelo paterno, um autor de autoajuda pode exercer uma significativa influência em seu leitor, conduzindo-o a mudanças de comportamento/adoção de exercícios e hábitos que antes não eram presentes em seu cotidiano. Em termos conclusivos, o discurso da literatura de autoajuda se vale de apelos a moções psíquicas de ordem inconsciente para “disciplinar” uma massa de leitores ávidos por respostas para os impasses do cotidiano.

Observamos aí uma forte interlocução entre conceitos psicanalíticos e fatos hodiernos do nosso contexto sociocultural. O método psicanalítico, por exemplo, nos auxilia a entender como o indivíduo se compromete e se responsabiliza com o discurso da autoajuda, alijando qualquer possibilidade de vitimização do leitor como um incauto consumidor tapeado. O que cabe ao olhar psicanalítico de um fenômeno como este, todavia, é compreender a teia complexa de identificações, fantasias, idealizações e relações transferenciais atribuídas ao conteúdo de um livro de autoajuda, responsabilizando o indivíduo também por ser partícipe

desta relação com o autor, mas sem ignorar a pujança da mediação da indústria cultural para o alcance obtido pelos livros. Com efeito, a investigação psicanalítica de fenômenos sociais exige que o pesquisador também se implique e trave contato com seus próprios atravessamentos subsidiados em relações de identificação e transferência. O apreço pela teoria, pela técnica e pelo tema estudado são, geralmente, bons propulsores das pesquisas, como em tudo que se faz com “paixão”. Entretanto, essa relação também é ambivalente, já que essa “estima” pelo trabalho realizado pode também trazer sofrimento, ou endossar o pendor a não aceitar críticas construtivas.

A psicanálise tem o privilégio de poder articular processos ocorridos nas profundezas da psique individual com a complexidade do dos acontecimentos da sociedade e, bem como proposto por Freud (1921/2011), entender que entre estes domínios há uma relação de continuidade e tensão. Mais ainda, a investigação psicanalítica de fenômenos sociais não se ampara em uma mera extensão ou aplicação da técnica psicanalítica e seus fundamentos para o campo social, mas em uma transposição cautelosa e maleável daquilo que pode ser definido como experiência psicanalítica. Nesse sentido, é válido reproduzir o que Batista e Cunha (2012) definem como o cerne da experiência psicanalítica e sua relação com seu objeto, isto é, o inconsciente:

O inconsciente não é um conjunto de conteúdos que foram esquecidos/retirados da consciência e precisam ser lembrados, como se a interpretação fosse sinônimo de desvelamento ou descobrimento. Antes disso, o inconsciente é produção e é, sobretudo, efeito da interpretação, que, por sua vez, é atribuição de sentidos. As interpretações não emergem do vazio: elas se baseiam em elementos mínimos – traços, para usar a linguagem freudiana – que aparecem em uma relação intersubjetiva. Relação que é, por definição, transferencial (Batista & Cunha, 2012, p.266).

No contexto clínico, a interpretação não é um mero exercício de rememorar o que se encontrava esquecido, mas se investigar os significados atrelados ao recalco mediante a própria relação entre analista e analisando. Quando se trata de uma pesquisa psicanalítica de cunho social, o mesmo deve acontecer. O excerto acima exposto deriva de um trabalho realizado pelos autores (Batista & Cunha, 2012, p.266) onde isto pode ser observado. Na ocasião, os autores estudaram o ambiente e as relações existentes em uma torcida organizada de um time de futebol, privilegiando a fala dos torcedores. Contudo, o interesse não se limitou à fala em si, mas buscou elementos inconscientes no discurso dos torcedores, o que possibilitou aos autores a visualização de uma atualíssima manifestação dos fundamentos da

psicologia das massas. Os torcedores, por exemplo, salientavam o quanto era importante nutrir hostilidade pelos torcedores rivais para que as relações dentro da própria torcida se tornassem mais fraternas.

No seu texto sobre as massas, Freud (1921/2011) salienta o quanto é importante para a união do grupo a existência de um rival depositário de toda a hostilidade poupada aos seus semelhantes, o que fora anteriormente denominado de “narcisismo das pequenas diferenças” (Freud, 1917/2013): conquanto muito semelhantes, torcedores de times rivais, habitantes de países ou estados vizinhos, buscam jactar-se e enaltecer seu narcisismo às custas da diminuição e hostilidade em relação ao adversário. Isto foi possível observar somente a partir de uma inserção no espaço dos torcedores, um movimento contrário àquele do analista que espera o paciente chegar até o consultório. Mesmo assim, o “caminho” é o mesmo: fazer falar o objeto, ouvir o discurso em todos os detalhes possíveis, reconhecendo que também o analista sofre, bem como o pesquisador também é parte de uma ou mais massas, referidas aos mais diversos ideais de Eu.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este percurso, julgamos ter logrado em promover uma articulação entre pesquisa teórica em psicanálise, pesquisa psicanalítica de fenômenos socioculturais e a psicologia das massas freudianas como uma bússola metodológica para pesquisas correntes e vindouras. Nesse sentido, o objetivo de compreender aspectos metodológicos da pesquisa psicanalítica de fenômenos socioculturais em interlocução com a psicologia das massas de Freud foi alcançado, a partir de uma discussão teórica e da exposição de alguns exemplos de pesquisas recentes no Brasil que empregam tal metodologia.

Com efeito, outras discussões são possíveis a partir do que foi aqui exposto, como a delicada tensão existente no “pensamento psicanalítico” da sociedade: ao mesmo tempo em que o pesquisador precisa ter um grau de implicação e compromisso com o seu tema, ele deve também evitar passar por cima de um *sine qua non* da psicanálise, isto é, a escuta do sujeito. Permitir que o protagonismo seja do discurso do outro exige um laborioso exercício de reflexão, elaboração e preparo não somente acadêmico, mas profissional e pessoal também. Neste sentido, é importante chamar a atenção para a importância do estudo da psicanálise

e/ou psicanalista se engajar em uma terapia pessoal que prove tanto saúde mental quanto preparo profissional.

No caso específico da psicologia das massas, concluímos que muitas sendas podem ser abertas norteadas por tal entendimento. Uma delas pode ser a investigação psicanalítica do atual contexto político brasileiro, repleto de hostilidade, polarização e tributos a memórias falsas, referentes a períodos recalcados da história do País, como os séculos de escravidão e os anos de ditadura militar. O saber psicanalítico, nesses termos, tem muito a contribuir para uma elaboração desse passado que não cessa de se fazer presente. No entanto, isso deve ser levado a cabo com o cuidado de não transformar o ofício do pesquisador em panfletarismo.

Em termos conclusivos, cremos que o estudo evidencia que epistemologia e metodologia são domínios que apenas didaticamente podem ser dissociados em psicanálise. No caso de estudos sobre a sociedade, isto se mantém. Investigar o social é investigar um espaço onde o Eu coexiste com vários outros “Eus”, que juntos tecem uma complexa malha de relações e acontecimentos capazes de nos afetar decisivamente. Um jogo de palavras com o título do escrito freudiano sobre as massas ilustra isso muito bem: só se pode compreender a psicologia das massas mediante a análise do Eu, bem como só é possível empreender uma análise do eu mediante o entendimento sobre a psicologia das massas.

REFERÊNCIAS

Batista, K.R. & Cunha, E.L. (2012). A experiência psicanalítica na investigação social: considerações sobre método. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2, (2), 260-275.

Figueiredo, L.C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em Psicanálise: Algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70): 257-278.

Freud, S. (2010). Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte. In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (P. Souza, trad., vol. 12, pp. 209-246). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em em 1915)

Freud, S. (2010). Introdução ao Narcisismo. In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (P. Souza, trad., vol. 12, pp. 14-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1914)

Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Sigmund Freud: obras*

completas (P. Souza, trad., vol. 15, pp. 13-113). São Paulo, Companhia das Letras. (Original publicado em 1921)

Freud, S. (2013). O tabu da virgindade. In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (P. Souza, trad., vol. 9, pp.364-388). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1917)

Goldenberg, R. (2014). *Psicologia das massas e análise do eu: solidão e multidão*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6 (1), 115-138.

Jonsson, S. (2013). After Individuality: Freud's Mass Psychology and Weimar Politics. *New German Critique*, 40, (2), 53-75.

Laplanche, J. (1980). *Problématiques*. Paris: Presses Universitaires de France.

Le Bon, G. (1995). *Psychologie des Foules*. 5ª Ed. Paris: PUF, 1995. (Original publicado em 1885)

Mello Neto, G. (2000) A psicologia social nos tempos de S. Freud. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 16(2), 145-152.

Pereira, M.A.; Souza, M.R. (2018). Literatura de autoajuda, sugestão e contemporaneidade: uma leitura psicanalítica. *Polis e Psique*, 8, (2),162-184.

Rosa, M. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista mal-estar e subjetividade*, 4, (2), 329-348.